

**II Congresso Nacional Africanidade e Brasilidades – 4 a 6 de agosto de 2014
Universidade Federal do Espírito Santo GT Africanidades e Brasilidades na
Educação**

**Relações raciais e formação de professores: analisando o Prêmio Akoni de promoção
de igualdade racial**

Edna Martins¹ e Joao do Prado Ferraz de Carvalho²

INTRODUÇÃO

Dispositivos legais tais como a Lei 10. 639/03 que deveria ter instaurado no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro – Brasileira”, assim como a Lei Federal 11.645/08³, sancionada pelo Presidente da República, que complementou a legislação acima mencionada, incluindo a questão indígena, tornando obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos das escolas brasileiras compõem um conjunto de ações indutoras de políticas educacionais voltadas para as discussões da diversidade étnico-racial. Como decorrência dessa legislação, diferentes estados e municípios brasileiros vêm nos últimos anos desenvolvendo ações no intuito de atender tais imposição legais. Em Guarulhos (SP), em 12 de maio 2009 foi aprovada a Lei Municipal 6.494/2009⁴, que em seu artigo 1º estipula que “o tema História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena passa a integrar obrigatoriamente o programa de ensino dos estabelecimentos de educação infantil, públicos e privados, do Município de Guarulhos” (GUARULHOS, 2009).

Com o objetivo de fazer valer tal legislação, buscando identificar, valorizar e divulgar as práticas dos(as) educadores(as) e produções dos(as) educandos(as) com enfoque na promoção da igualdade racial, a Secretara de Educação do Município lançou em 2008 o Prêmio AKONI de Promoção da Igualdade Racial, destinado a todas as modalidades e níveis de ensino da Rede Municipal (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos/MOVA).

¹ Doutorado em Educação: Psicologia da Educação, professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo. edna.martins@unifesp.br

² Douto rado em Educação: História, Política e Sociedade, professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo. jpf.carvalho@unifesp.br

⁴ Disponível em: http://leis.guarulhos.sp.gov.br/06_prefeitura/leis/leis_download/06494lei.pdf. Acesso em 9 jun. 2013.

Inspirando-se na língua e cultura africana, mais especificamente no yorubá, os idealizadores de tal prêmio o batizaram com o nome AKONI, termo que faz referência àquilo que é verdadeiro, usado para descrever o espírito do guerreiro, como a força e a coragem de ancestrais, e que tem a intenção de proporcionar a luta por justiça, pelo fim do racismo e do preconceito e, pela promoção da igualdade racial.

Desde o ano de 2008, foram realizadas quatro edições deste prêmio, envolvendo educadores e estudantes de diferentes modalidades de ensino. Em cada uma das edições ocorreram modificações no sentido de otimizar os processos de organização e realização das ações. As categorias que permanecem sendo premiadas desde o seu início são: desenho, histórias em quadrinhos e slogans para cada modalidade específica de ensino.

O edital do prêmio estabelece os critérios de participação, especificando no regulamento que cada educador(a) realize a inscrição de seu aluno, preenchendo também uma ficha de inscrição que aponte para uma síntese do processo de construção das produções. Tal material pode dar algumas pistas para a definição de políticas educacionais voltadas para a implementação da Lei Nº10.639/2003, bem como propor formação dos(as) educadores(as), compra de livros de literatura, brinquedos e outros recursos pedagógicos utilizados nas práticas educativas sobre a temática das relações étnico-raciais.

Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo apresentar um panorama das ações desenvolvidas nas quatro edições (2008, 2009, 2011 e 2013) do Prêmio Akoni priorizando a análise da última edição ocorrida em 2013.

PRÊMIO AKONI: PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL

A iniciativa de produzir um prêmio que pudesse incentivar professores da rede pública municipal de Guarulhos a trabalharem com a temática racial partiu do Grupo de Trabalho de Promoção da Igualdade Racial (GTPIR), motivado pelo desenvolvimento do Curso de formação continuada em Metodologias de Enfrentamento do Racismo e Promoção da Igualdade Racial, oferecido aos professores e gestores da rede municipal no ano de 2008. Tal proposta ancorou-se na proposição de uma ação efetiva que conduzisse outros trabalhos da Secretaria de Educação e de outros parceiros na mobilização de uma escola que pudesse ter em seu curriculum, conteúdos comprometidos não só o cumprimento da lei 10639/03, mas com o desenvolvimento de uma educação antirracista.

Partindo da proposta e finalmente da efetivação dessa ação, segundo o GTPIR, houve a implementação de algumas ações mobilizadoras junto aos educadores, tais como Oficinas de formação continuada com o objetivo de articular conhecimentos e

experiências de enfrentamento do preconceito e discriminação racial, buscando o respeito às diferenças e a igualdade étnico racial nas escolas e o desenvolvimento de cursos para educadores/as com a proposta de compreender a questão da diversidade e direitos humanos na construção da igualdade. Nesta mesma ótica, ocorreram outras ações de formação direcionadas aos coordenador(a)s pedagógico(a)s com objetivos específicos de gerar discussões sobre como ocorrem as relações étnico-raciais na sociedade brasileira e a construção da identidade de nossos estudantes.

O Prêmio Akoni teve sua primeira edição em 2008 com a inscrição de 104 trabalhos e a segunda em 2009 com 283 produções de estudantes da rede municipal de ensino. Nessas ocasiões o edital estabelecia, dentre outros requisitos para a participação, as categorias Desenho- até seis anos; Slogan – de sete a 15 anos e Fotografia – acima de 16 anos.

Avaliando as primeiras foi decidido pelos(as) integrantes do GTPIR que o Prêmio aconteceria bienalmente e que as faixas etárias e categorias sofreriam mudanças, visando à qualidade das produções. Desse modo, em 2011 em sua terceira edição o Akoni teve a inscrição de 432 produções nas categorias: Desenho- até 7 anos e 11 meses; História em Quadrinhos (HQ) – 8 anos até 14 anos e 11 meses e Slogan – acima de 15 anos. Em 2013, mantendo as categorias da edição anterior, o prêmio teve um acréscimo de produções e contou com 452 trabalhos classificados da seguinte maneira: Desenhos: 200 trabalhos; História em Quadrinhos: 171 e Slogans : 81.

Os editais do prêmio prescrevem a premiação não só dos estudantes participantes, mas também de seus(as) educadores(as) que devem preencher fichas com descrição de suas experiências sobre a temática, através das sínteses de trabalho por meio de “Breve relato (10 a 20 linhas) da atividade desenvolvida com os/as educandos (data da realização da atividade, material utilizado, ações desenvolvidas, saberes construídos com os/as educandos/as)”. A participação dos gestores das escolas também é essencial no sentido de incluir a temática no contexto do trabalho coletivo.

Critérios para a avaliação dos trabalhos estão descritos no edital e apontam, por exemplo, que no caso da categoria “Desenho” , a produção deverá ser feita manualmente pela criança usando-se lápis de cor ou outros materiais da mesma linha. Não são aceitos desenhos que sejam reproduções de outras obras ou realizados a partir de colagens.

No caso das “HQS - História em Quadrinhos” os produtos finais devem conter o enredo de uma única história, contendo de 3 a no máximo 6 quadrinhos, desenhados e ou pintados, escritos em português de acordo com a norma culta padrão. Como no caso dos

desenhos, também não são aceitos HQS com desenhos ou textos elaborados em computador, com colagens e ou decalques.

Na categoria “Slogan”, os autores devem construir uma frase, escrita em português de acordo com a norma padrão da língua que contenha a manifestação ou tradução do que pode ser considerado como a essência da temática da igualdade racial. Tal frase deve ser original, curta, direta, criativa, afirmativa e de fácil compreensão.

Para efeito de classificação final, o GTPIR convida vários especialistas na temática das relações étnico raciais para a participação, como professores de universidades, profissionais de entidades não governamentais e ou de Conselhos que trabalham a temática da promoção da igualdade racial, e outros agentes que atuam em áreas relacionadas às categorias propostas tais como, profissionais das Divisões do Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas e da Supervisão Escolar. Tal comissão julgadora trabalha a partir de uma pré-seleção dos trabalhos feita pelo GTPIR e seleciona nove finalistas (três por categoria) definindo, portanto suas colocações.

O Prêmio Akoni e a parceria com a Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

O trabalho com a UNIFESP envolve algumas ações de extensão e pesquisa. Estão envolvidos com os projetos professores do Departamento de Educação da Unifesp e alguns alunos bolsistas, que desenvolvem projetos que tomam o acervo do Akoni como material de análise, além de outras ações como as citadas abaixo:

- Reuniões com o grupo da Secretaria para tomada de conhecimento sobre o projeto Akoni e seus desdobramentos;
- Discussões sobre propostas para o andamento do Projeto junto aos gestores que constituem o Grupo de Trabalho de Promoção da Igualdade Racial (GTPIR);
- Digitalização e organização total do acervo das produções dos Prêmios AKONI (2008, 2009, 2011, 2013);
- Discussões nos processos de reelaboração do Edital do Prêmio AKONI 2013;
- Levantamento de escolas participantes do prêmio a partir das inscrições e premiações anteriores;
- Participação em eventos concernentes à formação de professores com temática das relações raciais;

- Discussão e delineamento da metodologia de pesquisa para coleta de dados sobre a participação das escolas envolvidas;
- Entrevistas com professores e gestores de escolas participantes do prêmio Akoni;
- Participação e organização de eventos sobre a temática étnico-racial em parceria com a Secretaria Municipal de educação.
- Elaboração da metodologia de pesquisa a partir dos dados catalogados e digitalizados;
- Apresentação de resultados obtidos para o GTPIR e para os coordenadores das escolas do município durante a formação promovida pela SME para divulgação do Prêmio AKONI;
- Participação da comissão julgadora das produções para a 3ª e 4ª edição do Prêmio;
- Participação no dia da Premiação do AKONI 2013;

PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS DE ANÁLISE DAS PRODUÇÕES

Para fins de uma análise de dados mais apurada, fizemos um recorte na história do prêmio Akoni, selecionando apenas o ano de 2013, buscando uma compreensão sobre os 452 trabalhos inscritos sendo:

- Desenhos: 200 trabalhos;
- História em Quadrinhos: 171
- Slogans : 81

Os procedimentos de análise partiram da digitalização de todo o material produzido pelos estudantes e educadores(as). Cada produção foi observada considerando as idades das crianças e outros pormenores que apareceriam na ficha síntese preenchida pelo(a) educador(a) para realização de inscrição. Não foram eleitas categorias de análise a priori. A observação e interpretação de cada produção nos levou a construção das seguintes categorias de análise:

- 1- Desenhos de criança pequena: prenuncio de construção de identidade
- 2- Menina bonita do laço de fita
- 3- África estereotipada
- 4- Amor em preto e branco - soluções mágicas;
- 5- Diversidade X Diferenças – Somos todos iguais

Discussão dos resultados

O desenho infantil é uma das atividades essenciais para o desenvolvimento integral da criança. Pode ser compreendido como um elemento que faz a mediação do sujeito como o conhecimento do mundo que o cerca, a construção da noção de eu e de identidade. Por meio do desenho infantil podemos ver revelados sonhos, fantasias, medos, alegrias e tristezas da criança pequena, pois é nessa atividade que ela pode organizar informações do seu meio e elaborar experiências cotidianas. O desenho infantil também pode revelar o desenvolvimento do aprendizado e as formas de representação do mundo. Segundo Goldberg, Yunes e Freitas (2005) “o desenho é uma interpretação que cria relações, constrói símbolos e revela conceitos. (...) Percebe-se o desenho como um canal para o exercício da imaginação, para expressão e construção da subjetividade da criança em desenvolvimento.” (p. 102-103)

Em nossa análise, Na categoria “Desenho de crianças pequenas: prenúncio de construção de identidade” o que ficou mais evidente foi o fato de que os desenhos das crianças entre 3 a 4 anos de idade não poderiam competir com outras crianças mais velhas. São produções ainda muito incipientes, como ocorre visivelmente nas produções em que existe o desenho da figura humana. Muitos dos trabalhos não possibilitaram atingir o mínimo de desenvoltura para se chegar a uma compreensão do as crianças pretendiam desenhar. A maioria era composta de garatujas ou riscos sem sentidos para outras pessoas. Contudo uma questão nos chamou a atenção: dois desenhos produzidos somente em preto e branco por duas crianças de 4 anos. Como não havia nenhuma cor no desenho, resolvemos averiguar as fichas de inscrição e a síntese do trabalho das professoras sobre as produções. Constatamos que foi oferecido pelas educadoras, para a produção das crianças, apenas folha branca e um pedaço de carvão, o que ao nosso ver, demonstra o despreparo das professoras em lidar com a questão de raça e cor da população negra. Não existe nenhuma pessoa negra como o “carvão”, contudo era tudo que as crianças pequenas tinham para desenhar.

Com relação a essa questão, podemos refletir como a criança pequena constrói as imagens e identidades relativas ao que é ser branco ou negro nesse país:

[...] a ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que, internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, o indivíduo estigmatizado tenta a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores tidos como bons e

perfeitos (ABRAMOWICS; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2010, pg. 12)

Elegemos a segunda categoria de análise com o título de “Menina bonita do laço de fita”, dado o número excessivo de trabalhos que seguiam tal temática. Os desenhos de um modo geral traziam na maioria das vezes a representação dos dois personagens principais da história: a menina e o coelho. Eram também comuns, trabalhos apenas com a menina com grandes laços de fitas vermelhas nos cabelos. As produções com tal temática foram realizadas por crianças de todas as faixas etárias, o que nos leva a refletir sobre a escassez de material sobre a questão racial presente na realidade escolar. Em alguns casos, também permite pensar sobre a dificuldade dos professores em lidar com o tema de forma mais criativa.

Na terceira categoria “África estereotipada” as produções também aparecerem em grandes quantidades. Tais desenhos apontam para negros africanos em casas de sapé como se estivessem em tribos primitivas, ou ainda surgem com figuras de animais como leões e muitas girafas, demonstrando uma realidade trabalhada pelas educadoras que não condiz com o continente Africano com suas belas cidades e outras riquezas além dessas mostradas a partir de uma pequena parcela de sua fauna e em organizações tribais estereotipadas.

Denominamos a quarta categoria de “Amor em preto e branco - soluções mágicas” em que surgiram as mais variadas produções gráficas representando casais de cores e raças diferentes. Nesse grupo de desenhos, há a o aparecimento de príncipes e princesas loiros casando-se com pessoas de outra cor/raça. Muitos corações dão o toque final na obra, demonstrando provavelmente que só assim poderemos vencer a discriminação racial. Há pelo menos dois desenhos que chamam mais a atenção: um em que aparece um mulher negra (pintada de lápis preto) passando na frente de uma janela em que se encontra um homem (pintado de marrom) que a observa passar. Na mesma cena aparece um homem louro assobiando para ela, sugerindo possivelmente uma representação quase erotizada da beleza da mulher negra e a disputa entre um branco e um negro por ela. No outro desenho, também bastante curioso, temos um casal abraçado. Nesta cena, o casal é desenhado de forma a tomar todo o espaço da folha de sulfite e está bem colorido, dando para reconhecer que a mulher é branca e loira e está grávida, pois segura a barriga com as duas mãos. Ao seu lado um homem negro sorri com o olhar voltado para ela e para sua barriga, num gesto de alegria pelo filho que esta espera.

Na última categoria, “Diversidade X Diferenças – Somos todos iguais”, as produções tendem a apresentar uma “fuga” das discussões específicas sobre o racismo ou sobre as questões étnico-raciais. Há muitos desenhos em que aparecem pessoas coloridas de várias tonalidades de verde, azul e rosa e também pessoas com deficiência física: cadeirantes e amputados. As crianças tenderam a desenhar, partindo de uma proposta quase de negação das diferenças, com muitas pessoas de mãos dadas e, quando o desenho não parecia suficiente para transmitir a mensagem muitas optaram por escrever os dizeres “somos todos iguais”. A solução rápida e simples para os conflitos relacionados à temática também é recorrente.

Essa pareceu uma questão sutil, mas ao irmos até os relatórios elaborados pelas educadoras, constata-se um silêncio da equipe pedagógica como reflexo de um currículo embranquecido, sem preocupações raciais mais profícuas. Na análise geral desses trabalhos somos levados a refletir sobre o que a escola está produzindo referente ao olhar do negro sobre si mesmo e dos outros sobre suas condições de subalternização. A sociedade e principalmente a escola tem colaborado na construção de uma imagem negativa do negro. Percebemos em muitos trabalhos enviados ao prêmio Akoni que essa realidade se faz presente sendo o negro retratado por meio de imagens estereotipadas, sem discussão crítica sob o ponto de vista de professores e de alunos participantes.

A análise dos slogans e das Histórias em quadrinhos produzidas pelos estudantes aponta para uma avaliação próxima da realizada com os desenhos, demonstrando uma tendência de um discurso enraizado sobre a falsa igualdade, o não reconhecimento das diferenças e a falta de reflexão sobre a luta por equidade, simplesmente apontando para uma tentativa impossível de homogeneizar, o que está ligado às dificuldades do aluno em lidar com a diferença, pois conforme afirma Silva (2000, p. 75) esse “é um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o diferente, é inevitável.

Considerações finais

O tema das relações étnico-racial na educação é bastante complexo e no caso da sociedade brasileira, flerta com o silêncio e a negação. Concordando com Peter McLaren, “não podemos afastar nossas lógicas racistas apenas pelo desejo. Precisamos lutar para erradicá-las. É preciso uma decisão firme para superar o que temos medo de confirmar que existe, para não dizer confrontar, no campo de batalha das nossas almas.” (p. 2000: 258)

Em nossa leitura, essa temática deve ser discutida no campo do poder e da estruturação de uma sociedade racista, na qual o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento ganham relevância como fatores de explicação. E no caso da educação escolar, é importante frisar que a escola tem funcionado como um espaço de disseminação de preconceitos e estereótipos, nesse sentido ganha relevo acompanhar o processo de implementação de políticas públicas e de leis como a 10.639/03.

Nesse campo, o Prêmio Akoni significa iniciativa importante no sentido de construir medidas que possibilitem com que professores e gestores das escolas públicas municipais de Guarulhos possam trabalhar com a temática racial, na produção de práticas educativas que considerem de forma equitativa a diversidade. Esse estudo buscou avaliar uma parte do trabalho desenvolvido nesse sentido.

Para seguirmos em relação a uma educação antirracista, na busca de práticas que favorecem o desenvolvimento e respeito da identidade e da diferença, Gomes (2005) aponta que é importante que os educadores, de um modo geral, possam se colocar na fronteira do debate das relações raciais, possibilitando a cobrança de novas posturas e práticas pautadas numa realidade, que está presente não só no contexto daqueles que militam no movimento negro, mas que engloba educadores, sindicatos e centros de formação de professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOWICZ, A; OLIVEIRA, F. de; RODRIGUES, T. C. A criança negra, uma criança negra. In: ABRAMOWICZ, A; GOMES, N. L. (Orgs.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CASTRO, M. G. ; ABRAMOVAY, M. **Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade**. Brasília, Unesco, 2006, p. 149-179.
- GONÇALVES, L. A.; SILVA, P. B. G. e. Movimento Negro e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, n.15, São Paulo, p. 134-158, novembro-dezembro, 2008 n° 15, p. 134-158.
- Goldberg, Luciane Germano, Maria Angela Mattar Yunes, and JV de Freitas. "O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano." *Psicologia em estudo* 10.1 (2005): 97-106.
- LAJOLO, M. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. Unicamp: 1998.
- MUNANGA, K. **Superando o Racismo na escola**. Ministério da Educação: Secretaria

de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 2ª edição revisada.

GUARULHOS. Afrobrasileiros (as) e currículo: Olhar para trás para seguir em frente...Síntese do relatório da pesquisa “Compreensão e efetivação das Leis Federais 10.639/2003 e 11.645/2008, e da Lei Municipal 6.494/2009 na Rede Municipal de Educação de Guarulhos. Secretaria de Educação de Guarulhos: 2013.

JÚNIOR, H. S; BENTO, A, S; SILVA, M. R (orgs). **Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial.** São Paulo: CEERT, 2010, 1ª edição.

MCLAREN, P.. Multiculturalismo Revolucionário. Pedagogia do dissenso para o novo milênio. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

RIBEIRO, M. (orgs.) **As políticas de igualdade racial: reflexões e perspectivas.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012

SILVA, T. T. A Produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000. p.73-102.